

#cm
2
SEGUNDA-FEIRA

A Margem do Rio, com CEP no Recife, conquista o Grande Prêmio do Júri do Festival de Locarno, na Suíça

PÁGINA 4



@Jamille Queiroz/Divulgação



GRAMADO PASSOU CEROL NA MÃO

‘Feito Pipa’ assegurou ao festival mais popular do Brasil um gostinho de ‘Sessão da Tarde’, nas **raias das lutas identitárias queer**, com **Teca Pereira em estado de graça**, ao lado do talento mirim Yuri Gomes, que encara o talento de um colega do **quilate de Lázaro Ramos num estudo sobre novas formações familiares**. O crítico **Rodrigo Fonseca conta o que viu** de melhor no evento gaúcho nas **páginas 2 e 3**



Gugu (Yuri Gomes) vislumbra o infinito da incerteza que cerca um órfão de mãe queer no Brasil



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Quando fez barba, cabelo e bigode na competição de Gramado de 2019, levando oito Kikitos para Fortaleza, com “Pacarrete”, o cearense Allan Deberton saiu do Rio Grande do Sul com o status de “promessa”, cercado por olhares como o do ator Lázaro Ramos, que se interessou em filmar com o cineasta. Em seu regresso à Serra Gaúcha, no fim de semana, sua imagem agora

Laureado na Berlinale, ‘Feito Pipa’ abre a competição pelo Kikito de longas de ficção reforçando o papel estratégico do Ceará na reinvenção das estéticas autorais do país nas telas

é outra: é a de certeza. “Feito Pipa”, uma “Sessão da Tarde” padrão de lúcia (mas recheada de debates de cunho social e existencial), deu a ele uma consagração em âmbito mundial o que alterou seu prestígio... para melhor. Sua maré vitoriosa subiu depois da conquista do troféu Urso de Cristal na 76ª Berlinale, em fevereiro. Foi uma vitória histórica para o país, neste ano em que 13 títulos com o Brasil no DNA passaram pela capital alemã. Tudo indica que ele há de deixar Serra Gaúcha cravejado de láureas, uma vez mais, a julgar pela acolhida cálida que a tela do Palácio dos Festivais gramadense

seu a seu trabalho mais recente.

“Feito Pipa” é um tocante exercício autoral. A busca por aceitação faz de Deberton um diretor autor. O que há para ser aceito fica na conta do personagem de Lázaro, que resgatou, via Berlim, uma plenária europeia à altura da que o aplaudiu em “Madame Satã” (2002), agora num papel coadjuvante, que o astro baiano levanta com majestuosidade. Gugu (Yuri Gomes), de 11 anos, é o personagem central, numa trama que dribla a homofobia e o terror do Alzheimer e faz gol na trave da inclusão.

Na trilha para adolecer, Gugu,

moleque bom de bola como poucos, cresceu sem mãe, sob a cumplicidade da avó, Dilma (Teca Pereira, num quindim de atuação), que não tá nem aí para o fato de o guri se identificar com a cultura queer. Ama-o seja lá sob que bandeira ele estiver. Já o pai do guri, Batista (vivido por Lazinho), encasqueta com os modos do filho, quando precisa tomar conta dele, ao notar que a guardiã da criança está com sinais de demência. Difícil crer que Teca deixe Gramado sem um Kikito para chamar de seu.

Com ela, Deberton cria um “Don Quixote” mirim, ciente de

que seu Cavaleiro da Alegre Figura sonha com um Nordeste de tolerâncias.

“O Brasil precisa se conectar com ele mesmo”, disse Deberton ao Correio da Manhã. “A razão de flunar pelo imaginário queer aqui era falar menos de rótulo e mais de possibilidade. É sobre permitir que uma criança exista com liberdade, sem ser corrigida o tempo inteiro pelo olhar do mundo. O filme não quer explicar o Gugu, mas acompanhar o jeito natural dele, sua imaginação e sensibilidade. O problema é de quem não o compreende. O que há de mais inclusivo nisso é justamente a recusa em simplificar os estereótipos.”

A competição de Gramado encerra-se nesta quinta. Sexta, em âmbito hors-concours, passa “La Perra”, do Chile, com Selton Mello no elenco. Sábado os resultados da disputa saem.

‘Antártida’ com calor de Akira Kurosawa

Embora não tenha entrado na Serra Gaúcha para concorrer a nada que não seja o carinho do público (e a simpatia da crítica) como um esquentado para seu lançamento, o thriller “Antártida” assegurou a Bruno Safadi um atestado evolutivo em sua forma de narrar, a um só tempo reverente ao cinema de invenção (o de Julio Bressane e de Rogério Sganzerla, sobretudo) e atento ao que se espera da audiência da TV aberta. Ao mesmo tempo que rodou experimentos como “O Prefeito” (2015), ele bate ponto como diretor nos estúdios Globo, onde foi incumbido de transformar um ambicioso roteiro de Claudia Jouvín em superprodução. Tem neve, tem investigação à moda “CSI”, tem Andrea Beltrão



Sessão Hors-Concours Filme de Abertura “Antártida”, de Bruno Safadi

a atingir uma máscara trágica com os ares do Anjo da História de Paul Klee (o quadro que mais traduz perplexidade da Modernidade até hoje) e tem a maturidade plena do mon-

tador Rodrigo Lima. Coragem, esse editor sempre esbanjou, trilhando o pontilhado de vozes autorais inventivas (inclusive o já citado Bressane). O inusitado aqui é ver um ourives

da montagem como ele se exercitar sobre um material capaz de flertar com o que o Plim-Plim exibe em “Domingo Maior”. Na trama, em uma estação de pesquisa, a pesqui-

sadora Inês (Marina Ruy Barbosa) é estuprada em meio a uma queda de energia e a uma mudança de equipe. Para piorar, o comandante está em guerra contra um tumor no cérebro – num combate que extrai de Antonio Calloni uma atuação calibre 12. Diante desse quadro de assombro, a subcomandante Elisabeth (Andrea Beltrão) assume ali a difícil missão de investigar o ocorrido, enquanto as demais mulheres da estação – Inês, Marina (Leandra Leal) e Rose (Mariana Sena) – se sentem acuadas e precisam se unir para enfrentar o medo, o silêncio e a violência. Safadi evoca o “Rashomon” de Kurosawa ao triar versões distintas para uma triste verdade. Lima dá a essas versões um arranjo tenso. (R.F.)

Eduardo Abelin,

de pioneiro a nome de troféu



Um dos responsáveis pela evolução do Rio Grande do Sul no audiovisual, cineasta foi tema do cult 'Sonho Sem Fim' e inspira láurea que será entregue para Renata Almeida Magalhães



O troféu com o rosto do cineasta, numa rara imagem

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Por conta da força financeira de suas chanchadas como “Nem Sansão Nem Dalila” (1954) e “O Homem do Sputnik” (1959), sempre lotadas, Oscarito (1906-1970) virou nome de um prêmio – a honraria máxima do Festival de Gramado, confiada este ano à atriz Andrea Beltrão – sem dar margem à dúvida... o que não acontece com a segunda láurea honorária de maior prestígio do evento gaúcho: o Troféu Eduardo Abelin. Nesta terça, essa estatueta será confiada à produtora e atual presidente da Academia Brasileira de Cinema Renata Almeida Magalhães, por sua luta política e por sua intensa parceria com Carlos Diegues, o Cacá (1940-2025), com quem casou-se. A pergunta que se faz, sobretudo por quem não é gaúcho é: quem foi a figura que inspira um mimo dado à bambas da produção (ano passado foi Mariza Leão) e da direção (como José Mojica Marins, Laís Bodanzky, Otto Guerra). Nascido em Cachoeira do Sul, Abelin (1900 – 1984) foi um cineasta, empresário e exibidor brasileiro, considerado um dos pioneiros do audiovisual em seu estado natal. Quicou pelo



Carlos Alberto Riccelli em *Sonho Sem*, a biografia de Abelin, filmada por Lauro Escorel em 1986

Rio de Janeiro, inspirado pelo afã de ser galã, por apresentar semelhanças físicas com o ator Eddie Polo (1875-1961,) mas consagrou-se como artistas em sua terra, atuante entre as décadas de 1920 e 30, onde fundou a Gaúcha Film e dirigiu ficções e documentários, hoje desaparecidas. Hoje clássicos, “O Castigo do Orgulho”, de 1927, e “O Pecado da Vaidade”, de 1932, foram seus trabalhos de maior expressividade na realização.

“Abelin criou empresa cinematográfica, foi diretor, iluminador, trabalhou na montagem, ou seja, o cara fez de tudo. Ele é um exemplo de quem acreditou que esse trabalho de construir o cinema em to-

das as suas etapas é fundamental”, explica o crítico Marcos Santuário, um dos curadores de Gramado desde 2012. “Abelin inspira diferentes gerações para que superem todas as dificuldades possíveis”.

O site da Cinemateca Paulo Amorim, em Porto Alegre, coleciona dados sobre Abelin, e lembra que, no livro “A Aventura Do Cinema Gaúcho” (2002), o crítico Luiz Carlos Merten identifica Eduardo Hirtz, Francisco Santos, E. C. Kerrigan e Carlos Comelli entre os pioneiros que tentaram fazer cinema no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX. Ao avaliar qual deles poderia ser considerado o mais em-

blemático, porém, escolhe Abelin, por ter sido o único transformado em personagem de um filme. Reside aí uma referência ao nostálgico “Sonho Sem Fim” (1985), dirigido por Lauro Escorel. A produção, com Carlos Alberto Riccelli interpretando o personagem central, reconstitui, com liberdades poéticas, a vida turbulenta do diretor gaúcho e sua tentativa de construir uma carreira cinematográfica no Brasil.

“Faz tanto tempo..., mas eu diria que fiz ‘Sonho Sem Fim’ motivado, principalmente, pelo fascínio com a trajetória melancólica, poética e persistente do Eduardo Abelin. Achei que o filme refletiria a própria

essência do que era, ou ainda é, fazer cinema no Brasil”, afirma Lauro. “A trajetória de Abelin — que tentou o sucesso no Rio de Janeiro, fracassou, sofreu deboche dos amigos, mas retornou ao Rio Grande do Sul determinado a fundar a sua própria produtora (a Gaúcha Film) — oferecia uma estrutura narrativa rica em drama, ironia e resiliência. Era a como se fosse a nossa própria história fazendo cinema no Brasil dos anos 1980. Abelin me pareceu um personagem pronto para dar conta disso tudo”.

Nesta quarta, Selton Mello passa por Gramado para buscar o troféu Kikito de Cristal, que se estende ainda à atriz Maria Fernanda Cândido, que recebe o seu nesta quinta. Esse mimo é dado em reconhecimento a carreiras que transcendem as fronteiras do país e do continente. Esse Kikito passou a ser entregue em 2007, quando foi confiada ao documentarista carioca Eduardo Coutinho (1933-2014), e já foi entregue a gigantes de outras pátrias. Os argentinos Cecilia Roth e Juan José Campanella, a germânica Mariëtte Rissenbeek, o uruguaio Cesar Troncoso e o moçambicano Ruy Guerra receberam esse solzinho cristalizado, além do titã baiano Othon Bastos, coroado com esse mimo em 2013, e o divo de Petrópolis Rodrigo Santoro, agraciado por Gramado em 2025.

Se não é Chorão,

quem vai fazer Gramado feliz?

É noite de biopic (jargão cinéfilo para designar épicos biográficos), um dos filões preferidos de Gramado, no Palácio dos Festivais do Rio Grande do Sul, onde o longa “Chorão – Só Os Loucos Sabem” fará sua estreia mundial, em concurso pelo Kikito. Hugo Prata e Felipe Novaes assim a direção da saga do músico Alexandre Magno Abrão (1970-2013), mais conhecido pelo seu nome artístico Chorão foi um cantor, rapper, compositor, ska-

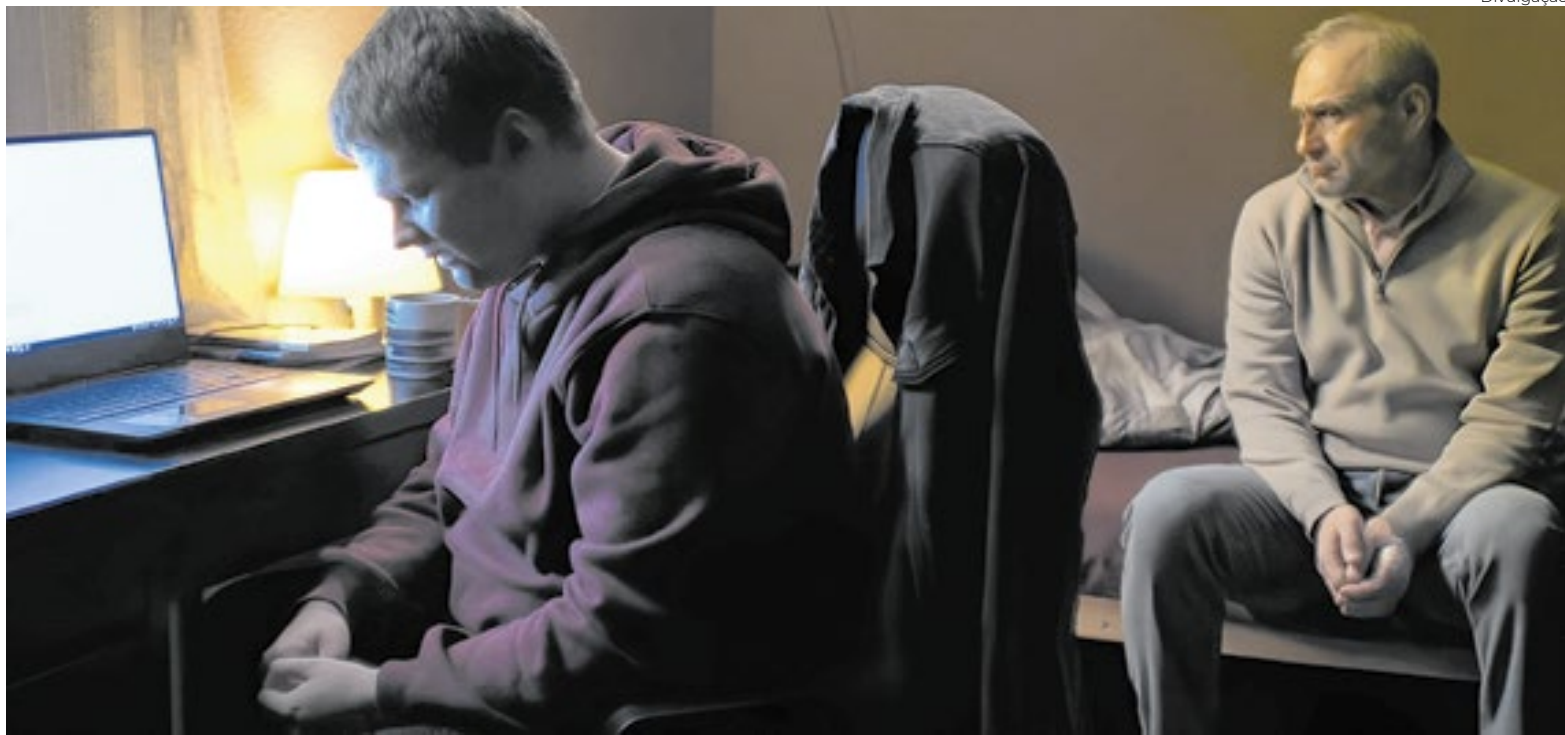


Chorão em *Só os loucos sabem*

tista, cineasta, roteirista, empresário e músico brasileiro. É José Loreto quem dá vida a ele, numa produção que segue o acorde do premiado “Elis” (2016), driblando controvérsias, com foco num retrato afetivo.

Paralelamente à projeção de “Chorão – Só os Loucos Sabem”, Gramado confere três curtas em concurso esta noite: “Shibal”, de João Rubio Rubinato; “As Gêmeas”, de Vanessa Aguiar; e “Graxa e o Zepelim”, de Camilo Soares. (R.F.)

O Leopardo ruge pra Romênia, mas lembra do Brasil



Uma conturbada relação pai e filho guia o drama romeno *You Don't Belong Here*

OS VENCEDORES

- ✱ Leopardo de Ouro: Florin Serban e o produtor, por “Nu e locul tau aici (You Don't Belong Here)”
- ✱ Grande Prêmio do Júri: Matheus Farias, Enock Carvalho e o produtor, por “A Margem do Rio (The Riverbank)”
- ✱ Prêmio de Melhor Atuação: empate entre Kim Minhee, por “Nun Dul Dega Eomne (Nowhere to Lay My Eyes)” e Monica Bellucci, por “Ketticè”
- ✱ Melhor Direção: Hong Sang-soo, por “Nun Dul Dega Eomne (Nowhere to Lay My Eyes)”
- ✱ Menção Especial: Xavier Bergeron, por “Violence du corps de l'autre”, e Teodor Butanescu, por “Nu e locul tau aici (You Don't Belong Here)”
- ✱ Melhor Curta: “Melk”, de Filip Anthonissen
- ✱ Cineasti Del Presenti: “La Ilusión De Un Verano Sin Fin”, de Alessandra Sanguinetti com menção para “Hanabi”, de Ana Vaz



‘A Margem do Rio’ rende o Grande Prêmio do Júri de Locarno para o cinema nacional em meio à vitória do realizador romeno Florin Serban com seu drama em tons de suspense sobre crises paternas

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Cerca de três meses depois de vencer Cannes com “Fjord”, de Cristian Mungiu, a Romênia põe mais um festival tamanho GG no seu rol de vitórias depois de “You Don't Belong Here” (“Nu E Locul Tau Aici”), de Florin Serban, ganhar o Leopardo de Ouro na 79. edição de Locarno, na Suíça, paralelamente a uma conquista histórica para o Brasil. Egresso do Recife, “A Margem do Rio”, de Enock Carvalho e Matheus Farias, thriller queer de uma fotografia estonteante (mérito de Luciana Baseggio), leva para casa o Prêmio do Júri. É uma saga sobre desejo e resistência às hipocrisias de igrejas conservadoras com foco no tesão voraz de dois homens num mangue.

Numa narrativa sinestésica de flerte com o mistério, “A Margem do Rio” segue os passos de Izaquiel (Caique Copque), um auxiliar de serviços gerais do Recife. Num recorte dessa cidade com foco em rotas fluviais e manguezais, o rapaz se aventura perigosamente, noite após noite, em encontros secretos com outros homens. Numa dessas inves-



Caique Copque e Ítalo Martins integram o elenco de “A Margem do Rio”

tidas em busca de goza, tromba com o pescador de ar sedutor Jeremias (Ítalo Martins, ator em fase de apogeu em sua arte). O flerte entre eles deixa o jovem zelador magnetizado pelo querer. Durante o dia, contudo, a encantaria do sexo vai embora e dá vez a uma rotina laboral capitalista opressora, no momento em que Izaquiel é escalado para trabalhar na sede de um culto evangélico cujo líder é um pastor boquirroto, que não aceita ver piercings na orelha de seu

funcionário, nem tolera ver unhas pintadas nas mãos de seus serviçais. Essa figura, com ares de senhor feudal, que lembra o bispo mau de “O Feitiço de Áquila” (1985), é vivido com brilhantismo por Robério Diógenes, o delegado “imperfeito” de “O Agente Secreto” (2025).

Na montagem taquicárdica feita pelo próprio Matheus Farias, com Will Domingos, à medida que Izaquiel se vê acossado por minions fanáticos, Jeremias o convida a uma jornada rumo às profundezas do coração do manguezal.

Antes de “A Margem do Rio” ser laureado, Ana Vaz assegurou

mais um ganho expressivo para o cinema nacional ao levar uma menção especial para “Hanabi”. A partir da metáfora da Flor de Fogo, ela viaja pelas memórias de um Japão traumatizado por um terremoto e pelo medo de uma hecatombe nuclear.

Também estruturado na via do suspense, “You Don't Belong Here” vai na cola do médico Marius, o diretor de um hospital em sua pequena cidade natal, onde cria sozinho o filho adolescente, Ioan, desde a morte da mulher. É um profissional seguro de si, que não faz ideia do que seu rebento anda fazendo à noite, percorrendo a cidade de bicicleta e vandalizando carros ao lado de um grupo de justiceiros mascarados. O mundo de Marius desmorona ao descobrir que Ioan é suspeito de um assassinato.

Em email ao Correio da Manhã, Florin Serban, o vitorioso realizador romeno, celebrou seu Leopardo ao dizer:

“Esta instituição, a família, tem sido uma fortaleza sitiada há muito tempo e, nestes últimos anos, o cerco a ela está quase vitorioso. Não só na Romênia, mas em todo o mundo ocidental. Em vez de derrarmos

lágrimas por esta perda, creio que devemos manter a cabeça erguida e perguntar qual deve ser a alternativa. Sempre houve uma falta de comunicação, uma ponte queimada entre os adolescentes e os seus pais, e creio que isso é natural na maioria das famílias. Mas aqui temos algo diferente, e chamá-lo de família não vai ajudar. Aqui há uma falta fundamental de amor, não falta de comunicação ou algo do gênero. E nada pode ser construído em torno de uma ausência. Há uma famosa frase de Santo Agostinho que diz mais ou menos o seguinte: ‘Ama e, depois, faz o que quiseres, porque tudo o que fizeres por amor estará certo’. A doença dos tempos modernos é a falta de amor”, diz o cineasta, com um troféu de inestimável valor nas mãos.

Na mostra paralela Cineasti Del Presenti, a Argentina fez a festa com a vitória de “La Ilusión De Un Verano Sin Fin”, de Alessandra Sanguinetti. Esbanjando empatia, este documentário de acompanhamento foi rodado ao longo de 25 anos, atento às vidas de duas primas inseparáveis na zona rural do Pampa argentino, a começar como um jogo de fantasia da infância e evoluindo para um profundo estudo colaborativo sobre o tempo, a memória e a feminilidade. Foi nessa seção que Ana Vaz e seu “Hanabi” foi laureado.

Terminadas as ações de Locarno, agora em setembro rola o trio de eventos: Veneza, Toronto e San Sebastián.



Divulgação/Universal Pictures

A melhor comédia romântica do ano!

Em “Só Por Uma Noite”, Owen (Callum Turner) e Allie (Monica Barbaro) decidem procurar o amor na noite em que o governo libera o sexo casual

Com estreia marcada para esta quinta (20), “Só Por Uma Noite” consagra Will Gluck como o grande diretor do gênero da atualidade

PEDRO SOBREIRO

Em 2023, quando “Todos Menos Você” chegou aos cinemas e virou um fenômeno de público e crítica, a imprensa internacional repercutiu notícias como “As comédias românticas voltaram!”. Parecia meio exagerado fazer tal afirma-

ção por conta de apenas um filme - espetacular, por sinal - que resgatou um gênero que andava em baixa.

No entanto, com o lançamento desta quinta-feira (20), a afirmação deve voltar às manchetes, e com razão, já que “Só Por Uma Noite” é simplesmente sensacional. Em comum, os dois filmes têm um nome: Will Gluck. O diretor de 47 anos vem trabalhando com esse gênero desde o final dos anos 2000, mas se consagrou mesmo nos anos 2020.

Na trama de “Só Por Uma Noite”, os Estados Unidos adotaram uma política controversa. Visando evitar a gravidez na adolescência, o governo aprovou uma lei que proíbe o sexo casual entre pessoas não casadas. Porém, há uma noite de “expurgo” por ano, em que o sexo é liberado. Nesse contexto, o público acompanha as histórias de Owen (Callum Turner), um pizzaiolo que acabou de ser chutado pela namorada, e Allie (Monica Barbaro), uma cantora de comerciais que está frustrada com o momento da carreira e decide encontrar



Felix Kirng via Wikimedia Commons

Will Gluck comandou quatro comédias românticas de muita personalidade, demonstrando seu talento para o gênero

um cara legal para curtir a única noite de liberdade do ano.

Entre indas e vindas, a dupla cruza caminhos em meio às situações mais absurdas possíveis, e acabam se ajudando a encontrar novos parceiros. Só que a química entre eles é gritante e uma série de desventuras acaba fazendo com que um sempre retorne ao outro.

Essa proposta de romances improváveis, como se o destino estivesse andando por aí para pregar peças nos românticos fechados ao amor, acabou virando marca registrada do diretor. Responsável por clássicos do gênero, como “Amizade Colorida” (2009) e “A Mentira” (2007), Gluck é fascinado por possíveis casais unidos pela implicância e por situações furadas, e faz isso com maestria em “Só Por Uma Noite”. A química entre Allie e Owen nasce dessa implicância quase fraternal entre dois apaixonados que se recusam a aceitar o óbvio.

Mais do que isso, ele trabalha a trilha musical do filme como um personagem atuante. Se em “Todos Menos Você”, o hit foi “Unwritten”, em “Só Por Uma Noite”, a música é tão presente que os hits Pop escolhidos a dedo viram mais que ferramenta narrativa, viram humor. Ela é um alívio cômico constante que aparece em momentos inusitados para divertir, emocionar e, sim, apaixonar.

Em seu novo filme, Will Gluck consegue retratar perfeitamente a sensação de estar se apaixonando por alguém. É um longa que emociona, faz gargalhar e faz o público sentir as famosas “borboletas no estômago” por pouco mais de 1h42 de filme.

Essa sensação é muito complexa de ser retratada, por que o que exatamente define o que é estar apaixonado? Por meio da química sobrenatural que ele consegue extrair de seu elenco, Gluck cria pequenos constrangimentos na trama e aposta em situações identificáveis em meio ao caos proposto, praticamente inserindo o público em suas narrativas.

Ao combinar essas desventuras a comerciais de marcas conhecidas, e a essa trilha musical popular e envolvente, o diretor consegue transformar essa experiência exótica em um filme sensorial que vai despertar em muitos o desejo de se apaixonar. Saber retratar o nascimento de uma paixão de forma bem humorada é um talento único.

Por mais que a carreira de Will Gluck na direção ainda seja curta, tendo quatro clássicos neste gênero, com “Só Por Uma Noite”, o diretor se consolida como o grande mestre das comédias românticas neste século. É um espetáculo!

Só Por Uma Noite chega aos cinemas brasileiros nesta quinta-feira, 20 de agosto.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Camerata se apresenta na Oficina Escola de Artes

Música clássica em Nova Friburgo

Enquanto o Rio se divide entre shows de arena e festivais de verão, uma cidade da Região Serrana está construindo, silenciosamente, uma das agendas de música clássica mais generosas do estado, e de graça. O Festival Nova Friburgo Edição Inverno, que segue até 21 de agosto, depois de dias tomados por nomes populares como Buchecha e LS Jack, a programação virou a chave: a Orquestra de Cor-

das Campesina Friburguense já abriu esse eixo, e a partir de 17 de agosto a Camerata do Festival passa a se apresentar praticamente todos os dias, ao meio-dia, na Oficina Escola de Artes. A programação de câmara continua pela Usina Cultural Energisa, com o Quarteto da Guanabara, o Quinteto Brisa Carioca, o Quarteto Assaz e recitais solo de piano e violino, além do Quinteto da UNIRIO na Oficina Escola de Artes.

Peça sobre imigração

A Biblioteca Parque Estadual, no Centro do Rio, recebe nos dias 17 e 18 de agosto o espetáculo gratuito “Nur na Escuridão”, adaptação da obra homônima do escritor Salim Miguel. Com sessões às 11h e às 15h, a montagem revisita a experiência de uma família libanesa que chega ao Brasil e aborda temas como imigração, memória, identidade e pertencimento. Com 50 minutos de duração e classificação livre, a peça conta ainda com recursos de acessibilidade e espaço de acolhimento para crianças durante as apresentações.

Manouche I

A cantora e compositora Bela Martins estreia no Manouche, 18 de agosto, às 20h, o show de seu álbum “Manhãs Sussurradas”, que transita entre pop, MPB e indie. Ingressos: R\$ 60 (ingresso solidário - um quilo de alimento não perecível ou livro - estudante/meia entrada/idoso) e R\$ 120 (inteira).

Manouche II

George Israel, compositor, cantor e saxofonista, traz ao Manouche uma edição especial do “Baile do George”, 19 de agosto, às 20h30, com participação de Frejat. Ingressos: R\$ 80 (ingresso solidário - um quilo de alimento não perecível ou livro - estudante/meia entrada/idoso) e R\$ 160 (inteira).

Exposição Janela para Pequim

O Museu Histórico Nacional está com a exposição Sala Petrobras — Janela para Pequim: Portinari na China, para marcar o Ano Cultural Brasil-China 2026 e os 50 anos das relações diplomáticas entre os dois países, até 11 de outubro. A experiência se baseia em três elementos — uma mesa, um globo terrestre e um cavalete — que articulam diferentes dimensões da narrativa proposta pela mostra.



Divulgação



Lucas Freitas

A soprano Ana Lia Alves, a pianista Sulamita Lage e a atriz Soraia Arnoni são as Guerreiras

“Guerreiras!” celebra trajetórias femininas negras

Espetáculo é um concerto cênico, com canto lírico, teatro e piano

MARCELO PERILLIER

O espetáculo “Guerreiras!” reúne obras da música de concerto, da canção brasileira e da música internacional em uma montagem que combina canto lírico, piano, teatro, projeções visuais e narrativa cênica. Estrelado pela soprano Ana Lia Alves, pela pianista Sulamita Lage e pela atriz Soraia Arnoni, com supervisão de direção artística de Tatiana Tiburcio, o projeto realiza seis apresentações gratuitas no estado.

A temporada começa no Teatro Raul Cortez, em Duque de Caxias, com sessões nos dias 19 e 26 de agosto e 1º e 8 de setembro, às 16h. Em seguida, vai ao Teatro Arthur da Távola, na Tijuca, nos dias 29 e 30 de setembro, às 19h.

O repertório inclui composições de nomes como Chiquinha Gonzaga, Lorenzo Fernandez, Marlos Nobre, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Chico Buarque, George Gershwin e Nina Simone. As obras são articuladas a histórias de mulheres que desafiaram padrões de seu tempo e transformaram adversidades em criação artística, pensamento e ação política.

“Quando conhecemos histórias de mulheres que enfrentaram tantas adversidades e tiveram papéis tão fundamentais em diversas áreas, compreendemos melhor os desafios do presente e fortalecemos

a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Celebrar essas trajetórias significa preservar memórias e reconhecer que essas conquistas fazem parte de uma luta coletiva que continua até hoje”, afirma Sulamita Lage.

Além das apresentações, o projeto promove ações de formação de plateia voltadas a estudantes da rede pública, ampliando o acesso à música de concerto e estimular discussões sobre cultura, memória, igualdade racial e direitos das mulheres.

Música e reflexão social

Conduzido por Ana Lia Alves e Sulamita Lage, “Guerreiras!” surgiu a partir da percepção da soprano de que os recitais tradicionais, embora musicalmente relevantes, nem sempre estabelecem um diálogo mais amplo com questões da sociedade contemporânea.

“Foi dessa inquietação que surgiu o desejo de criar projetos que unissem excelência musical, presença cênica e reflexão social”, conta Ana Lia.

A parceria entre as duas artistas também deu origem ao Duo Pretas, dedicado à pesquisa de repertórios e narrativas relacionadas às identidades negras. O projeto aproxima a música de concerto de debates sobre memória, representatividade e cultura afro-diaspórica, percurso que contribuiu para a criação de “Guerreiras!”.

“O projeto atua na valorização da cultura negra e na ampliação da

presença de mulheres negras na música de concerto, contribuindo para a construção de novos referenciais simbólicos”, destaca Sulamita Lage.

Durante a apresentação, o público encontra referências a mulheres como Carolina Maria de Jesus, Ruth de Souza e Maria da Penha, entre outras personagens que marcaram a história brasileira. A proposta, porém, também busca dar visibilidade às mulheres anônimas que enfrentam diariamente o racismo, a desigualdade, a violência doméstica e outras formas de opressão.

“Também homenageamos as mulheres anônimas que sustentam famílias, enfrentam o racismo, a desigualdade, a violência doméstica e os inúmeros obstáculos impostos historicamente às mulheres. Queremos ampliar o significado da palavra guerreira e reconhecer as lutas cotidianas, mostrando que a resistência se manifesta tanto nos grandes feitos registrados pela história quanto nas lutas silenciosas travadas diariamente por milhões de mulheres”, afirma Ana Lia.

A atriz Soraia Arnoni amplia a dimensão teatral da montagem ao incorporar textos e personagens relacionados aos temas apresentados. Para Sulamita, a construção cênica procura equilibrar a abordagem das questões sociais com momentos de celebração.

“Guerreiras!” não se constrói apenas pela denúncia. O espetáculo também celebra conquistas, afetos, ancestralidade, criatividade, coragem e transformação. Nossa intenção é que o público saia da apresentação emocionado, provocado e inspirado pelas trajetórias que conhece ao longo do espetáculo”, ressalta.



Felipe Bronze está em São Paulo desde 2021, quando inaugurou o Pipo

Felipe Bronze amplia atuação em São Paulo

Chef cria plataforma e, em parceria com jovens chefs, quer abocanhar novos paladares paulistanos

Um dos chefs de cozinha mais midiáticos do país, Felipe Bronze atua em São Paulo desde 2021, quando inaugurou o Pipo. Agora, sua presença na cidade cresce com a Bronze+, empresa que pretende criar novos negócios em parceria com outros chefs.

Dois projetos já estão em funcionamento. No Itaim Bibi, o Lina, de cozinha italiana contemporânea,

foi criado a quatro mãos por Bronze e Bia Limoni, ex-Pasta Shihoma. Já o Pipo deixou o Museu da Imagem e do Som (MIS) e ganhou nova casa no térreo do shopping Eldorado, em parceria com Paul Cho, fundador da Paul's Boutique.

A próxima expansão será da Kio Bakehouse, padaria artesanal de Henrique Yukio, que ganhará sete unidades dentro de hotéis Estanplaza. Segundo Bronze, os chefs parceiros participam da criação do conceito e do cardápio, mas não da operação cotidiana, conduzida pela equipe da Bronze+. Eles recebem royalties, enquanto os investimentos podem vir de operadores parceiros. “Não é franquia”, explica.

No Lina, Bronze e Limoni desenvolveram pratos que combinam a experiência da chef com massas e o domínio do chef sobre a brasa. O espaguete all’arrabbiata (R\$ 117), por exemplo, leva kimchi tostado na brasa. Na salada non è una caprese (R\$ 68), tomate coração-de-boi é servido com amêndoas fritas, straciatella, figo, estragão e alici.

No novo Pipo, o cardápio reúne pratos, muitos feitos na brasa, e pizzas individuais à moda napolitana. Entre elas estão a de cebola (R\$ 66), favorita de Bronze, e a de milho e limão (R\$ 66), que combina milho tostado, sobrasada, coentro e limão-siciliano.

A Kio Bakehouse também terá novidades. Yukio pretende preservar o DNA dos folhados, mas criar um conceito que misture padaria, confeitaria e restaurante. Os produtos serão preparados na cozinha da Vila Madalena e finalizados nas unidades. O chef já planeja uma fábrica para atender à expansão.

Outro braço da Bronze+ será a Fomo, plataforma de conteúdo que Bronze define como “a CazêTV da gastronomia”. A ideia é produzir programas para o YouTube ligados aos restaurantes e chefs parceiros, aproximando audiência e consumo. “Você assiste ao preparo da receita e sabe onde comer”, afirma.

Dono do Oro, no Rio, que mantém duas estrelas Michelin desde 2018, Bronze não pretende levar a alta gastronomia para a Bronze+. Seu foco são negócios escaláveis, que não dependam da presença diária do chef. Fred Caffarena e Cadu Evangelisti estão no radar, embora ainda sem contratos. Bronze vê potencial para transformar a expertise de chefs como Caffarena em marcas maiores: “Por que ele não pode ter um Almanara da vida?”

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Divulgação

Festa italiana

O Gabbiano, referência gastronômica da Barra, completa 17 anos com sete dias de programação especial a partir de 25 de agosto. Ela começa com jantar a quatro mãos dos chefs Romano Fontanive e chef Ignacio Peixoto, do Itsary. Nos dias 26 e 27, entra em cena o tradicional menu Harry’s Bar. No dia 29, noite especial de nhoque. No domingo, 30, a casa promove pizza com cinema, exibindo um clássico italiano no salão. Entre os destaques do jantar inaugural estão tortellini de ricota de búfala e boursin e o clássico Sgroppino de limão.



Tomas Rangel

Teva 10

O Teva Bistrô, pioneiro em culinária vegetal contemporânea no Brasil, completa 10 anos com uma semana especial de comemorações até 21 de agosto. A programação reúne menus temáticos, promoções e eventos, como feijoada vegetal com roda de samba, Noite do Taco, culinária japonesa e Noite do Burger. A casa, que recentemente passou a servir café da manhã, também apresenta novidades no cardápio, entre elas lámen Tan Tan, lasanha de vegetais e acarajé artesanal.



Tomas Rangel

Almoço musical

O Roxy, em Copacabana, passa a oferecer almoço aos fins de semana, unindo gastronomia, música e cultura brasileira. O novo menu é assinado pela chef Katia Barbosa e reúne 33 opções, entre clássicos afetivos, receitas de boteco e sobremesas. Entre os destaques estão bolinho de feijoada, picadinho do chef, arroz de moqueca, feijoada e camarão na moranga. Aos sábados e domingos, apresentações de Gui Valença e Camila Marotti embalam o almoço com MPB, bossa nova e clássicos internacionais.

SEGUNDA NO 2

por
**FERNANDO
MOLICA**

Livros: a arte de unir qualidade e boas vendas

A presença constante de autores de ficção como Itamar Vieira Junior e Socorro Acioli em listas de best-sellers revela um fenômeno nem sempre comum, a conjugação entre qualidade de livros e boa — em alguns casos, ótima — receptividade do público.

Há algumas poucas décadas, a difícil e sempre almejada combinação entre o tal do sucesso de crítica e público era um quase privilégio, na produção contemporânea, de autores como Chico Buarque e Jô Soares, que traziam de suas carreiras principais uma espécie de selo, um atestado prévio de qualidade aos seus livros: nenhum dos dois empurraria uma besteira qualquer para o mercado.

Com seu impressionante “Torto arado” (2019), Vieira surpreendeu leitores com um romance que resgatava e renovava uma tradição presente em obras de escritores como Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins do Rego. O fato de o livro ter sido lançado no primeiro ano do mandato de Jair Bolsonaro deve ter colaborado para sua popularidade: representava, assim como o longa-metragem “Bacurau”, de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, um respiro, contraponto ao processo de ataques a uma universo político, artístico e cultural comandado pelo então presidente.

A coincidência em nada diminui romance e filme, pelo contrário, renovou a importância de obras capazes de dialogar com o meio em que foram geradas. Ambos conversaram com um público que, diante de um impasse institucional, propunham releitura e invenção de histórias e impasses brasileiros. A exemplo do que tão bem faz o escritor Antônio Torres, ousaram estabelecer novas versões da convivência e choque entre universos rurais e urbanos.



Itamar Vieira Junior, autor de “Torto arado” e “Salvar o fogo”

Em um país com baixos índices de renda, escolaridade e leitura, indicações de livros na internet e uma boa curadoria de eventos permitem arejar um mercado fechado em seus integrantes

O fenômeno das redes sociais e a disseminação de festivais literários pelo país contribuíram para o processo de aproximação entre leitores e livros. Em um país que ainda ostenta baixíssimos índices de renda, escolaridade

e leitura, indicações de livros em redes sociais e uma boa curadoria de eventos permitem arejar um mercado que, com frequência, gira em torno de um próprio e capenga eixo de escritores, editoras, críticos, tradutores, agentes literários e divulgadores, algo que, na prática, parece dispensar a existência de leitores.

Não raras vezes, a Flip foi decisiva para a popularização de autores que não poderiam ser chamados de iniciantes, como ocorreu, em 2023, com Socorro Acioli — seu “A cabeça do santo”, outro livro que estabelece fortes e desafiantes conexões com nosso país, havia sido lançado em 2014.

Itamar e Socorro não são os únicos brasileiros que conseguem unir qualidade e vendas, mas esses autores ainda são exceção no mercado. Não há, é óbvio, receitas para um livro — ou um filme, uma peça, um show — ser tão abraçado pelo público. Ainda mais em um país tão

injusto, em que a falta de grana representa uma barreira para o acesso a boa parte dos bens do universo artístico e cultural. Professores, em especial os de Português e Literatura, são personagens fundamentais desse processo, mas seria injusto jogar em suas costas a responsabilidade por um baixo índice de renovação de autores em escolas.

Um bom caminho seria buscar uma integração entre eventos literários e secretarias de Educação, estabelecer parcerias que envolvessem a presença futura de autores de livros adotados em escolas de uma determinada cidade. A ida do escritor ou escritora funcionaria como um estímulo para estudantes, um argumento a mais para convencê-los a trocar o imediatismo das páginas brilhantes e viciantes do celular por um universo ainda mais fascinante e sedutor: por falar nisso, “Torto arado” e “A cabeça do santo” serão enredos, em 2027, da Vila e da Tijuca.